

A PERCEPÇÃO NO MEIO ACADÊMICO EM RELAÇÃO AOS ELEMENTOS DETERMINANTES DA HOMOSSEXUALIDADE¹

PERCEPTIONS IN ACADEMIA TOWARDS KEY ELEMENTS OF HOMOSEXUALITY

Maiara Oliveira Jantsch² e Cislara Pires Amaral³

RESUMO

Os relacionamentos e discriminações habitam o planeta há bastante tempo. Porém, a expressão “homossexual” foi criada apenas em 1848, pelo psicólogo alemão Karoly Maria Benkert. Sabe-se que o tema homossexualidade é bastante controverso, inclusive em relação à aceitação, visto que pessoas homossexuais, indiferentemente de estarem ou não em relacionamentos homoafetivos, são alvos constantes de discriminação e preconceito, sendo julgadas e, muitas vezes, agredidas sem nenhuma chance de defesa. A população em geral não costuma relacionar a homossexualidade como uma questão genética e sim como opção. Por isso, o presente trabalho teve por finalidade identificar e avaliar a concepção de acadêmicos sobre a homossexualidade, revelando a prevalência dos fatores culturais e/ou fatores genéticos na percepção de diferentes identidades. O mesmo foi desenvolvido através da aplicação de questionários abertos em alunos dos cursos de Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem e Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago. Foram obtidos 60 questionários, sendo que os cinco cursos foram representados em igual número de participantes. Concluiu-se que houve grande diversidade de opinião e inúmeras divergências, sendo possível notar respostas contraditórias por um mesmo participante, o que leva a crer que, apesar do assunto estar muito presente no cotidiano, as pessoas, provavelmente, não possuem opinião totalmente formada, tornando, ainda, a homossexualidade um tópico bastante discutível. Observa-se, também, que os fatores “mídia” e a família acabam interferindo na expressão do sujeito, já que, nas sociedades, existem conjuntos de fatos sociais e morais que influenciam a racionalidade.

Palavras-chave: acadêmicos, concepção, genética, homossexual.

ABSTRACT

Different types of relationship and discrimination have existed on Earth for a long time, but the term “homosexual” was only coined in 1848 by a German psychologist called Karoly Maria Benkert. It is known that the subject of homosexuality is quite controversial, especially in regard to acceptance, due to the fact that gay people, regardless of whether they are on homosexual relationships, constantly become targets of discrimination and prejudice, thus being judged and often assaulted with no chance of self-defense. The general population does not usually consider homosexuality as a genetic issue, but as an option. Therefore, this study aimed to identify and assess the understanding of undergraduate students of homosexuality, revealing the prevalence of cultural and / or genetic factors in the perception of different identities. Data were collected through open questionnaires, which were applied to students of Biological Sciences, Accounting, Law, Nursing and Psychology from the Regional Integrated University of High Uruguay and Missions – URI, Campus Santiago. 60 questionnaires were analyzed, and the five courses previously mentioned were represented in equal numbers of participants. It was concluded that there was a large variety of

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago. E-mail: maiarajantsch@gmail.com

³ Orientadora. Professora do Curso de Ciências Biológicas - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago. E-mail: cislara@yahoo.com.br

opinions and many divergences among the answers. In addition, it was possible to notice that, sometimes, the same participant provided contradictory responses, which suggests that, although this is a current subject in everyday life, people probably do not have a fully formed opinion about it, thus treating homosexuality as a very controversial issue. Finally, it was also observed that both the media and the family end up interfering with the expression of the subject, since there are sets of social and moral facts in society that influence rationality.

Keywords: *undergraduate students, perceptions, genetics, homosexual.*

INTRODUÇÃO

Há quem diga que a Homossexualidade é um assunto recente, que “explodiu” há poucas décadas, talvez até há poucos anos. Porém, os relacionamentos homoafetivos datam de muito tempo atrás, ainda na época antes de Cristo (a.C). Na Grécia e na Roma da Antiguidade, era absolutamente normal um homem mais velho ter relações sexuais com um mais jovem (pederastia); acreditava-se que se os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos, assim absorveriam suas virtudes e seus conhecimentos (RODRIGUES; LIMA, 2008).

A crença das pessoas daquela época é o pivô para as explicações de aceitação e/ou discriminação relacionada ao “amor entre iguais”. Na mitologia grega e romana, por exemplo, muitos deuses antigos não tinham sexo definido. Alguns, segundo a credence, teriam nascido de uma relação entre duas divindades femininas.

Antigamente, a relação sexual não tinha como objetivo exclusivo a procriação; tudo começou a mudar com o Cristianismo, que se tornou obrigatório na maior parte do Império Romano no início do século IV e seus adeptos foram crescendo progressivamente com o passar dos anos. O ideal de “crescer e multiplicar”, considerou a homossexualidade como algo não-natural, visto que a relação sexual era encarada apenas como forma de gerar filhos - dar continuidade à espécie, em linguagem propriamente biológica (LIMA, 2012; RODRIGUES; LIMA, 2008).

O primeiro texto de lei proibindo práticas homossexuais foi promulgado em 533 depois de Cristo (d.C), pelo Imperador Cristão Justiniano, relacionando-as ao adultério - sendo que para esta, havia pena de morte (RODRIGUES; LIMA, 2008). Nesta perspectiva, é possível notar que os relacionamentos e discriminações habitam o planeta há bastante tempo, porém, a expressão “homossexual” foi criada apenas em 1848, pelo psicólogo alemão Karoly Maria Benkert, que a define como “um impulso entre pessoas do mesmo sexo, criando uma aversão direta ao sexo oposto” (LIMA, 2012).

A opinião mais “estudada” da época (relacionadas às comunidades científicas, médica e psiquiátrica) era de que a homossexualidade seria uma doença; inclusive resultante de anormalidade genética diretamente ligada a problemas mentais na família. Em contrapartida, atualmente, existem várias opiniões acerca do assunto.

A população em geral não costuma relacionar a homossexualidade como uma questão genética e sim como uma opção. Este termo, “opção sexual”, segundo Dessunti et al. (2008) não deve ser

usado, pois remete à ideia errônea da escolha de um indivíduo em ser homossexual, pois já se sabe que a orientação sexual é complexa e que sobre ela agem fatores genéticos, biológicos, psicológicos e socioculturais.

Diante de toda essa questão sociocultural, que o mundo todo vem enfrentando, o trabalho propôs uma análise quanti-qualitativa das concepções de acadêmicos da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago/RS, visando identificar e avaliar sua concepção acerca da determinação da homossexualidade, revelando a prevalência dos fatores culturais e/ou fatores genéticos na percepção de diferentes identidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Recentemente, no ano de 2003, alguns cientistas rastrearam o sequenciamento genético em 94% do DNA humano, no chamado Projeto Genoma. O genoma humano consiste em uma quantidade grande de ácido desoxirribonucleico (DNA), que contém na sua estrutura a informação genética necessária para especificar todos os aspectos do desenvolvimento, do crescimento, do metabolismo e da reprodução. A estrutura anatômica do DNA carrega a informação química que permite a transmissão da informação genética de uma célula para suas células-filhas e de uma geração para a próxima (BEIGUELMAN, 2008; NUSSBAUM; MCLNNES; WILLARD, 2008).

O genoma contido no núcleo dessas células consiste em 46 cromossomos, arranjados em 23 pares. Destes, 22 são semelhantes em homens e mulheres e são denominados autossomos; o par restante compreende os cromossomos sexuais - dois cromossomos X nas mulheres, e um cromossomo X e um Y nos homens (BEIGUELMAN, 2008; NUSSBAUM; MCLNNES; WILLARD, 2008).

A diferenciação sexual é um processo que se divide basicamente em quatro etapas: A determinação do sexo cromossômico, que é estabelecida na fertilização; a diferenciação das gônadas em testículos ou em ovários; a diferenciação dos órgãos reprodutores internos e externos masculinos ou femininos a partir de estruturas indiferenciadas presentes no embrião; e a diferenciação sexual secundária, que é a resposta de vários tecidos aos hormônios produzidos pelas gônadas para completar o fenótipo sexual (MELLO; ASSUMPÇÃO; HACKEL, 2005).

Segundo Forastieri (2006), o índice elevado da homossexualidade, entre 3-20% em homens e 2-9% em mulheres, nas diversas regiões geográficas do planeta mostra não ser plausível que esta frequência seja reflexo apenas de mutações aleatórias.

“Ser homoafetivo é antes de tudo uma questão biológica e não uma opção de escolha psicológica, o homoafetivo não escolhe ser tal condição, nasce sendo o que é, posteriormente se define ser o que já é, desse modo evitando suas contradições internas” (VASCONCELOS, 2013, p. 1).

Claro que é de conhecimento que nem todas as predisposições genéticas são totalmente expressas e, assim sendo, no ano de 2000, o psicólogo evolucionista norte-americano Edward Miller

propôs que seria possível a feminilização parcial do cérebro masculino através da heterozigose em alguns *locus* gênicos. Se apenas um alelo é alterado, um homem carregaria essa herança, porém, ainda seria heterossexual; se ambos os alelos são alterados, ele também se tornaria feminilizado em sua orientação sexual (ALVES; TSUNETO, 2013).

Ainda, Swaab (1944 apud OLIVEIRA, 2014, p. 1) afirma que

a orientação sexual do indivíduo é determinada no útero materno por uma série de fatores. 50% deles são genéticos e outros são interações entre hormônios e células do cérebro em desenvolvimento. Pode haver muitos outros fatores envolvidos, também externos. Como o estresse da mãe durante a gravidez secreta altos níveis de hormônios como cortisol que atravessa a placenta e interage com os hormônios do cérebro em desenvolvimento, o tabaco (a nicotina afeta o cérebro em desenvolvimento), certas drogas, e outros compostos do tipo hormonal.

Em 2005, foi publicado nos Estados Unidos um estudo, considerado o primeiro relacionado à biologia molecular, com busca ampla no genoma humano de genes candidatos para a homossexualidade (MUSTANSKI et al., 2005).

Houve uma análise de 456 indivíduos de 146 famílias, com dois ou mais irmãos homossexuais, utilizando 403 marcadores microsatélites. Como resultados foram encontrados três picos de ligação significativos, indicando três *locus* gênicos: Nos cromossomos 7 (região 7q36), 8 (região 8p12) e 10 (região 10q26) com vários genes candidatos de interesse que podem determinar a orientação homossexual masculina, bem como dar um suporte limitado para o relato prévio de ligação ao loco do cromossomo X (Xq28) (MUSTANSKI et al., 2005, p. 11).

Porém, a manifestação fenotípica das características (aquilo que se pode ver externamente, fisicamente) pode estar muito além da questão puramente genética; aliado a hereditariedade, existem os fatores ambientais atuando como grandes influentes no processo. Para Kube, Ferreira e Mello (1996), existem duas contribuições paralelas: A informação genética dos pais e a contribuição do meio ambiente, que possuem um fator predominante: O acaso.

A informação vinda do meio ambiente acaba por combinar-se há expressão do material genético, produzindo fenótipos diferenciados. Jacquard (1989) diz que, quanto mais diversa a herança genética do ser, maior será o nível de interação com o meio ambiente; remetendo-nos à questão ontogenética que, segundo Kube, Ferreira e Mello (1996, diz respeito ao processo de desenvolvimento do patrimônio genético individual, que também é influenciado variavelmente pelos diversos componentes ambientais.

De qualquer forma, os genótipos se expressam das mais variadas formas, interagindo com algumas características do ambiente, influenciando e sendo influenciados pela cultura, gerando essa ampla diversidade biológica da qual somos testemunhas e participantes (KUBE; FERREIRA; MELLO, 1996). Desse modo, nota-se a grande variedade de concepções sobre os elementos que

determinam a homossexualidade. Entretanto, afirma-se que há relação com a genética do indivíduo, esta que pode estar aliada a fatores socioculturais e ambientais.

Os fatores socioculturais e ambientais estão presentes na vida humana. Os seres humanos se articulam e cooperam entre si para produzir, para relacionar-se. Cada época e lugar, têm seus modos próprios, ou seja, um conjunto de fatos sociais e morais. Barbosa, Quintaneiro e Rivero (2012) citam que Durkheim já acreditava que o desenvolvimento das sociedades proporciona oportunidades para que uma pessoa mostre que pensa ou sente de maneira própria, e que pode divergir dos demais sem pôr em risco a unidade social.

Um indivíduo que teme ou odeia os membros de uma etnia, religião, nacionalidade, tipo de gênero e age de acordo com esse sentimento pode sofrer pessoalmente ou provocar danos nos demais. Do mesmo modo, se os membros de toda uma sociedade adotam uma crença ou alentam preconceitos a respeito de pessoas de outro grupo, os resultados podem ser dramáticos. Esse tipo de comportamento não é aplicado apenas a povos, mas pode ser encontrado no modo como são tratadas as mulheres, os idosos, as pessoas de baixa renda, os praticantes de religiões minoritárias, os que possuem distintas preferências sexuais ou ideologias políticas (QUINTANEIRO, 2010).

Acabamos nos questionando: qual a razão de estabelecermos regras? Qual a finalidade de admitir um gênero em relação a outro como melhor? Por que tipo de conflito passam pessoas que se destinam a realizar sua escolha sexual?

Toda escolha envolve dilema, por isso gera conflito. A origem de toda a vivência especificamente ética é sempre o conflito. O critério decisivo do conflito reside na vivência do dever que se destaca das tendências que vibram em conflito permanente a direção de valor eleita pelo indivíduo e, por isso, ponto de conflito de todas as outras que se encontram em plano inferior. Essas considerações sobre a escolha nos encaminham para a discussão do problema da liberdade, cujo conceito envolve vários enfoques na sua compreensão. A liberdade remete para a questão da vontade, resultante de uma consciência da obrigação moral, em contraponto ao desejo. Como não podemos atender todos os desejos, a moral surge como um controle do desejo, não como uma repressão, mas como conscientização de suas ações e limites (ROSSATO; ALVES, 2015).

Observamos que mudanças existem, que convivemos com culturas distintas, individualidades distintas que passam a atuar nas sociedades, ocorrendo a valorização dos indivíduos a partir daquilo que produzem ou através da opção que realizam em relação a sua sexualidade.

Rossato e Alves (2015) observam que nós estamos sempre buscando compreender melhor a fundamentação da conduta do indivíduo, procurando subsídios necessários à formação de sua cidadania. Discutir sobre valores e normas morais torna-se tarefa indispensável no processo educacional. Assim sendo, este é um tema relevante que gera inúmeros questionamentos, que faz com que possamos pensar sobre escolhas, de acordo com nossa cultura e meio onde estamos inseridos.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado no ano de 2015, a partir de pesquisa de campo, que segundo Fonseca (2002), caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realiza-se a coleta de dados junto a pessoas, como recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa-ação, pesquisa-participante, etc.).

A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Santiago (RS), onde foi aplicado um questionário aberto para acadêmicos dos cursos de Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem e Psicologia. O método de aplicação de questionário define-se como “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações, que, na maioria das vezes, são propostas por escrito aos respondentes e suas respostas proporcionarão os dados do pesquisador sobre o assunto proposto” (GIL, 2008).

Tais cursos foram escolhidos de forma aleatória por contemplarem grande diversidade de departamentos; mais especificamente, os 5 (cinco) cursos representam 4 (quatro) departamentos distintos: Ciências Biológicas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde e Ciências Humanas; o que, possivelmente, possibilita concepções diferenciadas sobre o tema.

O projeto passou pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade e obteve autorização para ser aplicado segundo CAEE 41267415.8.00005353. Primeiramente, foi feito contato pessoal com os coordenadores dos referidos cursos, colocando-os a par do teor do estudo e solicitando a aplicação dos questionários em horário letivo, com consentimento do professor específico; em seguida foi adotado o diálogo direto com os acadêmicos participantes.

No encontro com os graduandos foi explanado o objetivo do trabalho, bem como a especificação do tema que seria abordado no questionário. Em relação a critérios éticos, os entrevistados assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). O termo continha uma explicação completa da natureza da pesquisa - com objetivo e métodos bem formulados, autorizando a participação voluntária dos acadêmicos na pesquisa, bem como informações de que suas respostas seriam utilizadas exclusivamente para a execução do estudo.

Salienta-se que a participação foi limitada a 12 (doze) alunos por curso de graduação, visto que os cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem e Psicologia participaram em menor escala do que os demais. Em relação aos cursos de Ciências Contábeis e Direito, foi realizado um sorteio entre os questionários respondidos, totalizando o número desejado. Essa delimitação revela uma análise mais próxima possível de igualdade entre os cursos, totalizando, assim, 60 (sessenta) questionários respondidos.

Os acadêmicos que participaram da pesquisa deveriam estar matriculados no 3º semestre, visto que Ciências Biológicas, Enfermagem e Psicologia possuem em sua grade curricular a disciplina de Genética Humana e já cursaram a mesma - onde é trabalhado o tema Diferenciação Sexual - e os demais, representados pelos cursos de Ciências Contábeis e Direito, que, tecnicamente, não possuem conhecimento na área, comparando o entendimento de tais acadêmicos sobre o assunto.

Para o levantamento da concepção acadêmica sobre a homossexualidade, o documento trouxe questões comportamentais, genéticas, psíquicas e ambientais para que os participantes analisassem e expusessem suas concepções, sendo possível a quantificação dessas respostas em forma de dados. Por fim, para análise dos mesmos, aplicou-se o teste Qui-Quadrado para verificar se houve diferença significativa entre as respostas obtidas.

Ressalta-se que as questões discursivas foram transformadas em categorias, igualmente às objetivas, visto que não houve argumentos suficientes para investigação mediante o DSC (Discurso do Sujeito Coletivo); e que estas, na presença de mais de uma pergunta na mesma questão, foram compartimentadas em: n (número da questão) + A (primeira indagação feita na referida questão) e n (número da questão) + B (segunda indagação feita na referida questão).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram totalizados 60 (sessenta) questionários respondidos, sendo que os 5 (cinco) cursos se fazem representar igualmente em número de 12 (doze). Na tabela 1 estão representados os resultados das respostas obtidas.

Questão 1: Meninos que conviveram exclusivamente com figuras familiares do sexo feminino (mãe e irmãs) ou meninas que conviveram exclusivamente com figuras familiares do sexo masculino (pai e irmãos) têm maior chance de adquirirem hábitos de vida diferenciados daqueles impostos pelas condições biológicas do sexo, de acordo com a exposição familiar?

Tabela 1 - Dados referentes à questão número 1 que faz menção aos hábitos de vida de meninos ou meninas, e as influências externas.

Curso	Não	Sim	Subtotal
CB	7	5	12
CC	10	2	12
D	10	2	12
E	10	2	12
P	8	4	12
Total	45	15	60

CB= Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis;
D= Direito; E = Enfermagem e P = Psicologia

Observa-se que todos os cursos participantes acreditam, em sua maioria, que não, esta convivência não interfere nos hábitos de vida e sexualidade das crianças, apesar da diferença entre as duas opções de resposta ser extremamente pequena no curso de Ciências Biológicas. Sendo assim, o valor de p ($>0,05$), confirma que não houve diferença significativa na opinião geral dos cursos em relação a esta pergunta.

Acredita-se que, segundo a nova constituição familiar da sociedade e através da mídia, a família se constitui na presença de um dos progenitores, sendo este a base para a formação do caráter. Segundo Barbosa, Quintaneiro e Rivero (2012) sempre se está aprendendo de que maneira se deve atuar, sentir ou pensar, em distintas situações; isto é, socializa-se durante toda a vida, compartilhando assim com os demais membros da sociedade, valores morais ou estéticos, gostos, linguagens, sentimentos e acompanhando as mudanças pelas quais eles vão passando.

Conforme os dados da tabela 2, Ciências Biológicas, Direito e Enfermagem - este último com mínima discrepância - acreditam, em sua maioria, que a genética (GE) determina a preferência sexual de um indivíduo; Ciências Contábeis e Psicologia creem em escolha pessoal (EP), apesar de Psicologia, ter uma segunda opção muito próxima, a Convivência Social (CV). Assim, o valor de p encontrado ($=0,05$) afirma que houve diferença significativa nas concepções.

Questão 2: O que determina a preferência sexual de algum indivíduo?

Tabela 2 - Dados referentes à questão preferência sexual dos indivíduos.

Curso	CV	GE	GE e EP	GE e CV	GE e IM	IM	Outro/EP	Outro/FI	Subtotal
CB	0	9	0	1	2	0	0	0	12
CC	2	1	0	0	0	3	5	1	12
D	0	4	0	2	0	2	2	2	12
E	3	5	0	0	1	3	0	0	12
P	3	2	1	0	0	1	4	1	12
Total	8	21	1	3	3	9	11	4	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis; D = Direito; E = Enfermagem e P = Psicologia.

Quanto aos CV = convivência Social; GE = Genética; GE e EP = Genética e Escolha Pessoal; GE e IM = Genética e Influência do Meio; Outro/EP = Escolha Pessoal; Outro/FI = Fatores Indeterminados.

Observa-se que Enfermagem e Ciências Biológicas, talvez mais influenciados pela disciplina de genética, dispusessem conhecimentos adequados sobre genes e sua ação no organismo e realmente acreditassem nesse propósito. Entende-se também que a mídia, livros, revistas, jornais colocam em

evidência o assunto “Genética e Homossexualidade”, então acredita-se que os acadêmicos do curso de Direito possam ter conhecimento relacionado à ação gênica.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 3, o curso de Ciências Biológicas afirma, em sua maioria, que sim, sabe a significância do termo mencionado, enquanto Ciências Contábeis, também em sua maioria, afirma o contrário, não ter conhecimento desta expressão. Os demais cursos dividem-se entre as alternativas ofertadas, fazendo com que, significativamente, haja diferença entre as respostas obtidas ($p=0,04$).

Questão 3: Você sabe o que significa a expressão “diferenciação sexual”?

Tabela 3 - Dados referentes à questão número 3 e ao uso da expressão diferenciação sexual.

Curso	AS	Não	Nim	Subtotal
CB	1	2	9	12
CC	0	9	3	12
D	0	6	6	12
E	0	5	7	12
P	1	5	6	12
Total	2	27	31	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis, D = Direito; E = Enfermagem; P = Psicologia e AS = Sem Argumento

Salienta-se que os cursos de Ciências Biológicas, Psicologia e Enfermagem possuem em sua grade curricular, especificadamente na disciplina de genética o tópico Diferenciação Sexual, onde ocorre discussão entre sexo gonádico e cromossômico. Consta-se que o Curso de Ciências Contábeis não possui conhecimento sobre o assunto, visto se tratar de um tema específico e que não consta da sua grade curricular, além do termo não ser comum no dia-a-dia.

Em relação aos resultados da tabela 4 pode-se afirmar que Ciências Biológicas e Direito acreditam, em sua maioria, que não, mídia e fatores culturais não influenciam na identificação do sexo; Ciências Contábeis e Psicologia encontram-se entre as três opções ofertadas; e Enfermagem, entre afirmação e negação. Sendo apresentado valor de $p=0,05$, as respostas se diferenciariam significativamente.

Barbosa, Quintaneiro e Rivero (2012) salientam que é muito importante distinguir a percepção do cidadão - senso comum - da perspectiva científica sobre o mundo; na perspectiva científica, o conhecimento desenvolve um olhar que permite ir além das observações impressionistas, estabelecendo os princípios e regras sociais que organizam determinado fato.

Questão 4: Você acredita que a mídia e os fatores culturais podem influenciar na identificação do sexo de uma pessoa? (4A) Por quê? (4B)

Tabela 4 - Dados referentes à questão número 4 A, sobre mídia/ fatores culturais e influência sexual.

Curso	AS	Em partes	Não	Sim	Subtotal
CB	0	1	8	3	12
CC	0	3	4	5	12
D	1	1	8	2	12
E	0	0	7	5	12
P	0	4	1	7	12
Total	1	9	28	22	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis, D = Direito, E = Enfermagem; P=Psicologia e AS = Sem Argumento.

De acordo com os resultados da tabela 5, observa-se que Ciências Biológicas acredita, em sua maioria, que mídia e fatores culturais não influenciam na identificação do sexo, pois o que age sobre essa questão seriam determinantes genéticos (DG); a maior parte de Ciências Contábeis não se pronunciou ou acha que mídia e fatores culturais influenciam pelo seu alto poder de persuasão (APP); Direito pensa que mídia e fatores culturais não influenciam, pois a pessoa tem livre arbítrio (LA) para escolher o que quer; Enfermagem demonstrou-se dividida entre a existência da influência, justificada pelo alto poder de persuasão (APP), e a não existência da mesma, explicada pelo livre arbítrio (LA); Psicologia acredita que sim, pois há alto poder de persuasão (APP) e também esses fatores podem reafirmar a liberdade de escolha (RLE) dos indivíduos. Com isso, houve diferença extremamente significativa nas respostas ($p=0,005$).

Tabela 5 - Dados referentes a justificativa da questão anterior.

Curso	APP	DG	ISI	ISJ	LA	RLE	AS	Subtotal
CB	0	8	3	1	0	0	0	12
CC	3	1	1	0	1	2	4	12
D	1	3	0	1	5	1	1	12
E	4	3	0	1	4	0	0	12
P	4	0	1	1	3	3	0	12
Total	2	15	5	4	13	6	5	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis, D = Direito, E = Enfermagem; P=Psicologia;

APP = Alto poder de persuasão; DG= Determinante Genético; ISI = Influência sobre inseguros; ISJ = Influência sobre os jovens; LA = livre arbítrio; RLE = Reafirma a liberdade de escolha; AS = Sem Argumento.

Freire (1997) salienta que é preciso que se seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência sobre sua condição existencial. Desta forma, observa-se que, estando ou não a mídia presente na vida do indivíduo, este sofrerá ação de diversas estruturas do meio em sua manifestação fenotípica.

Em relação aos resultados da tabela 6, nota-se que Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Direito e Psicologia pensam, em sua maioria, que a criança e/ou adolescente que convive com pessoas que mantêm relacionamentos homoafetivos, não está predisposta a se tornar um homossexual, enquanto Enfermagem se mostra em empate técnico entre as respostas afirmativa e negativa, ocasionando diferença significativa ($p=0,025$).

Questão 5: A criança e/ou adolescente que convive com pessoas que mantêm relacionamentos homoafetivos, está predisposta a se tornar um (a) homossexual?

Tabela 6 - Dados referentes à questão número 5, convivência entre crianças/adolescentes com pessoas que mantêm relacionamentos homoafetivos.

Curso	Não	Sim	Talvez	Subtotal
CB	11	1	0	12
CC	8	4	0	12
D	10	2	0	12
E	6	6	0	12
P	9	1	2	12
Total	44	14	2	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis,
D = Direito; E = Enfermagem; P = Psicologia

Vive-se um tempo de mudanças, tempos de quebra de paradigmas, de estabelecimento de novos valores, de flexibilidade. Lipovetzky (1993 apud COSTA et al., 2015) relata que estes são tempos em que não existem ordens opostas nem bem definidas; tudo é aceito, em uma atitude de total liberalismo e subjetivismo. Assim, o individual predomina sobre o universal, o psicológico sobre o ideológico, a comunicação sobre a politização, a diversidade sobre a homogeneidade, o permissivo sobre o coercitivo.

De acordo com os resultados da tabela 6, todos os cursos em questão concordam, na grande maioria, que em partes é possível identificar e distinguir indivíduos heterossexuais e homossexuais, não havendo diferença significativa nas respostas ($p>0,05$).

Questão 6: É possível identificar e distinguir indivíduos heterossexuais e homossexuais?

Tabela 7 - Dados referentes à questão número 6, distinção entre heterossexuais e homossexuais.

Curso	Em partes	Não	Sim	Subtotal
CB	12	0	0	12
CC	8	3	1	12
D	7	3	2	12
E	10	1	1	12
P	11	0	1	12
Total	48	7	5	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis;

D = Direito, E = Enfermagem e P = Psicologia

Em relação ao exposto na tabela 7, comprova-se que apenas Ciências Biológicas - ainda que com mínima diferença - crê que um indivíduo não pode escolher ser homo ou heterossexual; os demais cursos, com maioria disparada, acreditam no contrário. Sendo assim, as respostas se diferenciaram significativamente ($p=0,05$).

De acordo com as novas mudanças culturais, observa-se uma mudança social significativa, onde ocorrem constantes mudanças de identidade, por isso Bauman (1998 apud COSTA, ZARO; SILVA, 2015) relata que se vivencia a era da liquidez, os valores que a cultura ocidental até então estabelecera como os mais nobres e elevados, cada vez mais se diluem como a água que se escorre das mãos, sem que sejamos capazes de detê-la. Ou seja, uma sociedade de relações fluidas e frágeis.

Questão 7: A preferência sexual de um indivíduo pode ser alterada? Em outras palavras, ele (a) pode escolher ser homo ou heterossexual?

Tabela 8 - Dados referentes à questão número 7, alterações da preferência sexual.

Curso	AS	Não	Sim	Subtotal
CB	0	7	5	12
CC	0	4	8	12
D	0	4	8	12
E	0	4	8	12
P	1	3	8	12
Total	1	22	37	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis;

D = Direito, E = Enfermagem, P = Psicologia e AS = Sem Argumento

De acordo com o que está apresentado na tabela 9, os cinco cursos, apesar de em Ciências Biológicas a diferença ter sido pequena, declararam não ter ouvido falar sobre as expressões “sexo gamético” e “sexo gonádico”, não havendo diferença significativa nas respostas ($p > 0,05$). Por conta disso, supõe-se que, de acordo com os dados da tabela 10, tenha havido escolha aleatória nas opções ofertadas na questão seguinte. Salienta-se a dificuldade de usar esses termos em nosso cotidiano, visto que estão atrelados às áreas da Psicologia, Ciências Biológicas e Enfermagem e mesmo assim não foram reconhecidos.

Questão 8: Você já ouviu falar nas expressões “sexo gamético e gonádico”? (8A) A que se referem? (8B)

Tabela 9 - Dados referentes à questão número 8 A, conceitos de sexo gamético e gonádico.

Curso	AS	Não	Sim	Subtotal
CB	2	6	4	12
CC	1	10	1	12
D	0	12	0	12
E	0	12	0	12
P	0	12	0	12
Total	3	52	5	60

CB= Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis, D = Direito, E = Enfermagem, P = Psicologia e AS = Sem Argumento

Tabela 10 - Dados referentes à questão anterior, a que se referem conceitos como gamético e gonádico.

Curso	DFS	AS	Subtotal
CB	1	11	12
CC	1	11	12
D	0	12	12
E	0	12	12
P	0	12	12
Total	2	58	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis, D = Direito, E = Enfermagem; P= Psicologia; DFS = Distinção Física dos Sexos; AS = Sem argumento

Observa-se na tabela 11 que os cinco cursos acreditam que uma pessoa não pode ser orientada a ser homo ou heterossexual, não havendo então diferença significativa nas respostas ($p>0,05$).

Questão 9: Você acha que uma pessoa pode ser orientada a ser homo ou heterossexual?

Tabela 11 - Dados referentes à questão número 9, orientações sexuais.

Curso	Não	Sim	Talvez	Subtotal
CB	9	3	0	12
CC	9	3	0	12
D	9	3	0	12
E	9	3	0	12
P	7	4	1	12
Total	43	16	1	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis; D = Direito; E = Enfermagem; P=Psicologia.

Conforme os dados da tabela 12, apenas Ciências Biológicas relaciona, em sua maioria, a homossexualidade puramente com genética (GE) ou ainda, com genética aliada ao ambiente (GE E AM); em menor escala, Enfermagem também cita esses fatores, mas o referido curso, juntamente com os demais, fez maior relação com escolha pessoal (EP), acarretando diferença significativa ($p=0,01$).

Questão 10: Você acredita que a homossexualidade tem a ver:

Tabela 12 - Dados referentes à questão número 10, conceitos atrelados à homossexualidade.

Curso	AS	EP	GE	GE e AM	GE e EP	GE/SC	SC	SC/EP	TA	Subtotal
CB	0	0	5	5	1	0	0	0	1	12
CC	0	9	1	2	0	0	0	0	0	12
D	1	5	3	0	1	2	0	0	0	12
E	0	4	3	3	0	0	0	2	0	12
P	0	7	1	0	1	0	2	1	0	12
TOTAL	1	25	13	10	3	2	2	3	1	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis; D= Direito; E = Enfermagem; P = Psicologia;

AS = sem Argumento; EP = Escolha Pessoal; GE = Genética; GE E AM = Genética e Ambiente;

GE/EP = Genética e Escolha Pessoal; GE/SC = Genética/Sociocultural; SC = Sociocultural; TA = Todas as alternativas.

Valle (1998) observa que é inegável que os costumes e os estilos de vida, a realidade cultural e política, a visão dos valores éticos e religiosos estão se transformando rapidamente. Há uma crise em curso e ela mexe com a identidade tanto de pessoas adultas, quanto de instituições tidas durante séculos como definitivas.

Notavelmente (Tabela 13), o curso de Ciências Biológicas acredita que pessoas homossexuais podem ter um nível hormonal diferenciado; já Ciências Contábeis e Psicologia - este último, ainda que com mínima diferença - acham que não; e Direito e Enfermagem demonstraram empate técnico em relação a estas duas alternativas. Sendo assim, o valor de $p (=0,05)$ confirma que houve diferença significativa na opinião geral dos cursos em relação a esta pergunta.

Questão 11: Você acredita que pessoas homossexuais podem ter um nível hormonal diferenciado?

Tabela 13 - Dados referentes à questão número 11, níveis hormonais e homossexualidade.

Curso	Não	Sim	Talvez	Subtotal
CB	1	11	0	12
CC	9	3	0	12
D	6	6	0	12
E	6	6	0	12
P	6	5	1	12
Total	28	31	1	60

CB = Ciências Biológicas; CC = Ciências Contábeis, D = Direito; E = Enfermagem; P = Psicologia

Novamente observa-se o conhecimento científico em relação ao curso de Ciências Biológicas, visto que hormônios como testosterona e estrogênio são costumeiramente relacionados ao desenvolvimento dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos.

Em resumo, diferentemente do que se pensava, os dados trazem que os cursos não se “fragmentaram” com relação a seus departamentos; ou seja, as áreas de Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Ciências Humanas (que possuem em sua grade curricular a disciplina de Genética Básica), não demonstraram concepções correspondentes, ocorrendo da mesma forma com os cursos pertencentes às Ciências Sociais Aplicadas.

Ciências Biológicas deixou clara sua concepção genética sobre o tema; Ciências Contábeis, em contrapartida, afirmou a escolha pessoal como fator determinante; Direito em algumas questões referenciou a questão genética (o que foi surpreendente) e em outras, a escolha pessoal; Enfermagem, além de também estar em algumas situações entre a genética e a escolha pessoal, dentro das próprias questões constatou-se divergências notáveis nas opiniões; Psicologia, por sua vez, deixou clara sua concepção em questão de escolha pessoal para a determinação da homossexualidade.

A obtenção desses resultados - apesar de, para grande parte destes acadêmicos, as questões genéticas e hormonais em relação à sexualidade já terem sido explanadas - pode ser explicada pelo fato do tema estar “na boca do povo” nos últimos anos, e dificilmente se divulgam opiniões claras; em outras palavras, definições cientificamente comprovadas. Atualmente, vive-se em uma época onde

persuadir, em qualquer que seja o aspecto, é sinônimo de vitória, lucro, crescimento. Muitas pessoas são levadas a crer em sentenças com ajuda dos meios de comunicação, que não necessariamente dão credibilidade na informação; Debord (1998 apud MAIA et al., 2006) coloca que estamos inseridos numa “sociedade do espetáculo”, onde “[...] a mídia tem se tornado poderosa pelo gigantismo das imagens. Hoje, não se precisa mais ler, pensar ou refletir, basta ver e comprar, tornando-o um ser apenas espectador [...]”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pode-se concluir que houve grande diversidade de opiniões quanto ao tema proposto e também inúmeras divergências, visto que, na observação inicial dos instrumentos de análise, foi possível notar respostas contraditórias por um mesmo participante, o que leva a crer que, apesar do assunto estar muito presente no cotidiano, as pessoas não possuem opinião totalmente formada, tornando, ainda, a homossexualidade um tópico bastante discutível. Notou-se que aqueles que obtinham o conhecimento científico sobre assuntos relacionados à genética emitiam divergências de opiniões; observou-se também, que a idade é fator relevante para a mudança de opinião, que os fatores mídia e família acabam interferindo na expressão do sujeito, que nas sociedades existem conjuntos de fatos sociais e morais que influenciam a racionalidade. Sempre se está aprendendo de que forma deve-se atuar, sentir, pensar... somos socializados durante nossa vida, considerando sagrados alguns valores e percepções. Daí surgem as dificuldades de relacionar a homossexualidade com fatores culturais e genéticos.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. F.; TSUNETO, L. T. A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. *ScireSalutis*, Aquidabã, v. 3, n. 1, p. 62-78, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/ZX2EiV>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

BARBOSA, M. L. O.; QUINTANEIRO, T.; RIVERO, P. **Conhecimento e imaginação: sociologia para ensino médio**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

BEIGUELMAN, B. **A interpretação Genética da Variabilidade Humana**. Ribeirão Preto: Editora SBG, 2008.

BRASIL. CNS - Conselho Nacional de Saúde RO nº 240. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DOU nº 12-13 de junho de 2013 - Seção 1 - p. 59. Disponível em: <<https://goo.gl/is8mbk>>. Acesso em: 23 maio 2015.

COSTA, A. A. D.; ZARO, J.; SILVA, J. C.; Educação Humanizadora e os Desafios Éticos na Sociedade Pós-Moderna. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, Santa Maria, 2015. **Anais ...** Santa Maria: Biblos, 2015.

DESSUNTI, E. M. et al. Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn**, Brasília, v. 61, n. 3, p. 385-389, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/xwvabj>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/sRkcwj>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

FORASTIERI, V. Orientações sexuais, evolução e genética. **Revista Candombá**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 50-60, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/CUWwJ1>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/lcypPQ>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

JACQUARD, A. **A Herança da Liberdade**. São Paulo: Martins Fortes, 1989.

KUBE, L. C.; FERREIRA, M. B. R.; MELLO, M. A. R. Respostas Extremas: Genótipo e Meio Ambiente. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 1, n. 3, p. 39-43, 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/knfzWq>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

LIMA, C. C. A história da homossexualidade e a luta pela dignidade. **Aventuras na história para viajar no tempo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/NA2F15>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

MAIA, R. F. et al. A influência da mídia na sexualidade do adolescente. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. E, p. 109-117, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/DcPkSJ>>. Acesso em: 30 maio 2015.

MELLO, M. P.; ASSUMPÇÃO, J. G.; HACKEL, C. Genes Envolvidos na Determinação e Diferenciação do Sexo. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 14-25, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/sx9SX3>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

MUSTANSKI, B. S. et al. A genomewide scan of male sexual orientation. **Human Genetics**, New York, v. 116, n. 4, p. 272-278, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/yp5A7f>>. Acesso em: 01 maio 2015.

NUSSBAUM, R. L.; MCLNNES, R. R.; WILLARD, H. F. **Thompson & Thompson: Genética Médica**, 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

OLIVEIRA, D. R. A. A orientação sexual é determinada no útero. **Universo Racionalista**. [s.l.], v. 1, n. 1, p. 1, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/w3mFvc>>. Acesso em: 23 maio 2015.

QUINTANEIRO, T. **Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

RODRIGUES, H.; LIMA, C. C.; Vale tudo: Homossexualidade na antiguidade. **Aventuras na história para viajar no tempo**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/LRk9sb>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

ROSSATO, R.; ALVES, M. A. Educação Ética em Tempos Pós-Modernos. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, Santa Maria. **Resumos Educação Humanizadora e os Desafios éticos na Sociedade Pós-Moderna**. Santa Maria: Biblos Editora, 2015. p.135-148.

VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

VASCONCELOS, E. D. Como se explica a questão homoafetivo no livro: Criação em Separado. **Parthenon**, [s. l.], p. 1, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/qkebPO>>. Acesso em: 13 jun. 2015.